O ENSINO DA TÉCNICA PIANÍSTICA PARA CRIANÇAS BASEADO NA EXPERIÊNCIAL CORPORAL E PELO CONCRETO

Comunicação

GTE 08: Educação Musical na Infância

Queila de Oliveira Soares Guimarães
Universidade Federal de Mato Grosso
Queila.o.soares@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta uma pesquisa em andamento, desenvolvida no âmbito de um Curso de Mestrado Profissional - Musprof - da Universidade Federal de Mato Grosso, que investiga o uso de materiais concretos e recursos lúdicos como mediadores da aprendizagem da técnica pianística em crianças entre 4-6 anos. Parte do pressuposto de que conceitos técnicos abstratos são mais bem compreendidos quando vivenciados por meio de experiências corporais compatíveis com o desenvolvimento infantil. Fundamentado em estudos sobre Desenvolvimento Infantil, Educação Musical e Pedagogia do Piano, o trabalho discute como esses recursos podem favorecer a consciência corporal, a coordenação motora e a construção da técnica pianística, estabelecendo diálogo com abordagens contemporâneas centradas na experiência concreta e significativa.

Palavras-chave: Técnica Pianística, Pedagogia do Piano, Educação Musical.

Introdução

Apesar da crescente valorização do ensino musical centrado na criança, a técnica pianística ainda é frequentemente ensinada por meio de instruções verbais abstratas que não correspondem às características cognitivas e motoras das crianças de quatro a seis anos (Gorin, 2015). Assim, pergunta-se: como o uso de materiais concretos e outros recursos lúdicos podem favorecer a aprendizagem das técnicas pianísticas basilares em crianças pequenas? O objetivo, portanto, é investigar de que maneira materiais concretos e outros recursos lúdicos podem mediar a aprendizagem da técnica pianística em crianças que estão tendo seu primeiro contato com o instrumento, articulando fundamentos do

desenvolvimento infantil, da Teoria de Aprendizagem Musical (TAM)[1] (Gordon, 2013) e da pedagogia do piano.

A técnica pianística é considerada de fundamental importância desde o início do aprendizado, pois é no início que são construídas as bases de todo o desenvolvimento musical do aluno. Abordar a técnica pianística desde a primeira lição permite estabelecer hábitos duradouros e evitar vícios técnicos, os quais costumam ser muito difíceis de corrigir em estágios mais avançados (Faber; Faber, 1995, p. 2).

O ensino de uma técnica pianística saudável foca no uso de movimentos corporais naturais e no relaxamento muscular, o que é essencial para evitar tensões desnecessárias e prevenir lesões ou distúrbios musculoesqueléticos no futuro (Cabezas, 2006).

Contudo, deve-se considerar que a técnica não é um fim em si mesma, mas sim "[...] uma ciência em função de uma arte" (Richerme, 1996, p. 15); ela fornece as ferramentas para que o aluno consiga expressar suas ideias musicais com clareza, autonomia e autenticidade. Por isso, é essencial que o aprendizado técnico corrobore diretamente com a musicalidade desde os primeiros contatos, garantindo que o aluno desenvolva uma interpretação eficiente e fluida.

A abordagem tradicional, pautada no tecnicismo, costuma priorizar a repetição mecânica e o virtuosismo em detrimento da compreensão musical, contudo "entende-se, com base nas pedagogias musicais ativas, que a musicalidade, o pensamento e a imaginação musical devem preceder e articular-se ao ensino da técnica pianística" (Haas; Rocha, 2021, p.3).

No entanto, o domínio de técnicas basilares (como postura, peso do braço, mãos arredondadas, punho e pontas dos dedos firmes) contribuirá para que o aluno produza um som de qualidade com o menor esforço possível, facilitando a execução de peças mais complexas posteriormente. Portanto, negligenciar a técnica no início pode desestimular a criança futuramente devido a dificuldades expressivas, enquanto um foco equilibrado permite que a técnica seja uma extensão natural e lúdica da intenção musical.

[1] Teoria de Aprendizagem Musical (TAM) é a tradução em PT(BR) de *Music Learn Theory* (MLT), uma teoria desenvolvida por Edwin Gordon que buscou responder a pergunta "Como as crianças aprendem música?".

O problema central reside na desconexão entre a fase de desenvolvimento cognitivo da criança e a linguagem técnica tradicional utilizada no ensino do piano. Enquanto crianças de quatro a seis anos operam predominantemente por meio de experiências concretas e sensoriais, as instruções técnicas convencionais costumam ser formuladas em termos abstratos que não possuem significado real em seu mundo.

Haja vista, existe uma necessidade latente de materiais que compreendam o que significam técnica e musicalidade no contexto específico da infância. O grande desafio é em como transformar conceitos técnicos abstratos em experiências concretas, sensoriais e engajantes para o público infantil.

O lúdico é a língua das crianças pequenas. Sem a tradução de atividades difíceis para as habilidades cognitivas infantis, perde-se o engajamento e o estado de fluxo[2] (prazer e concentração profunda) na tarefa. Logo, para que a criança entenda o que é "tocar profundo" ou "relaxar", o professor deve atuar como mediador, utilizando recursos lúdicos concretos (como massinha, lenços ou bichinhos) que transformem o abstrato em sensações táteis e diretas. Em suma, o problema é que a técnica, quando ensinada apenas verbalmente, torna-se um fim mecânico e isolado, enquanto deveria ser mediada pela imaginação e pela experiência corporal lúdica, para que a criança possa brincar com a arte.

Metodologia

Esta pesquisa faz parte do Mestrado Profissional em Música – Muspof – da UFMT cujo produto recebera o título “TOM – Técnica Pianística Orientada à Musicalidade”. Estruturado em sequências pedagógicas que progridem da movimentação corporal fora do piano e da transição tátil na tampa fechada até a aplicação direta nas teclas do instrumento, o caderno busca prevenir tensões físicas e promover o engajamento lúdico, garantindo que o aprendizado da técnica seja uma ferramenta saudável e fluida a serviço da audiação.

Esta pesquisa se desenvolverá por meio de uma revisão narrativa de literatura, que se caracteriza como um dos tipos mais comuns de artigos de revisão; e cujo objetivo principal

[2] Desenvolvida por Mihaly Csikszentmihalyi, a teoria do fluxo (*flow theory*) descreve um estado de engajamento profundo no qual o indivíduo se encontra tão envolvido em uma atividade que nada mais parece importar, sendo a própria experiência a principal fonte de satisfação e prazer (Toni, 2024).

é discutir e apresentar o desenvolvimento ou o estado da arte de um determinado assunto. Ela permite uma abordagem mais flexível para explorar um tema, apresentando pontos de vista teórico ou contextual (Rother, 2007).

Um aspecto central da revisão narrativa é que ela permite ao leitor adquirir e avaliar conhecimentos sobre um tema específico, com especial atenção à interpretação e análise crítica pessoal do autor. Isso significa que o autor tem a liberdade de interpretar e analisar criticamente o tema. A escolha da revisão narrativa é particularmente adequada para os objetivos deste estudo, que busca investigar o uso de recursos lúdicos e concretos para o ensino da técnica pianística[3].

Desenvolvimento Infantil

A primazia do concreto sobre o abstrato no ensino da técnica pianística para crianças pequenas fundamenta-se na compreensão de que o desenvolvimento cognitivo e motor nessa faixa etária depende da experiência física direta para gerar significado.

Cavicchia (2010) aponta que, para Piaget, crianças entre 4 e 7 anos encontram-se no período pré-operatório. Nesse estágio, a inteligência da criança acessa o nível da representação através da interiorização da imitação.

A cerca do pensamento imagístico, a criança ainda não possui capacidade plena para abstrações puras (como "eficiência técnica"); ela cria imagens mentais a partir da sua interação física com objetos e com o meio. A criança consegue "transportar o mundo para sua cabeça" somente após manipulá-lo, o que torna os recursos lúdicos concretos o elo essencial para que ela compreenda conceitos musicais abstratos futuramente.

Villalba (2024) analisa sob a ótica de Vygotsky que o desenvolvimento humano é mediado socialmente, e o brincar é a atividade-guia da primeira infância. É através da brincadeira que ocorrem as transformações no psiquismo que permitem o desenvolvimento simbólico e criativo. Os recursos lúdicos concretos (como lenços ou bichinhos) permitem que

[3] Durante a preparação deste trabalho, a autora utilizou ChatGPT versão GPT-5.5, OpenAI, para dar assistência à escrita e refinamento gramatical. Após o uso desta ferramenta, a autora revisou e editou o conteúdo gerado em conformidade com o método científico e assume total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

o aluno interaja com o professor e com o objeto, facilitando a internalização de conceitos que a linguagem verbal sozinha não conseguiria transmitir.

Silva (2021) observa que, na abordagem montessoriana, se enfatiza que a mão é o principal instrumento de aprendizado da criança. No piano, isso significa que, ao manipular um objeto como uma bolinha ou massinha, a criança desvenda a sensação física de relaxamento ou firmeza antes de precisar nomeá-los tecnicamente. O uso de materiais concretos permite que a criança desenvolva autonomia, guiando-se pela sensação tátil e cinestésica.

Edwin Gordon (2013) aplica essa lógica à música através da sequência "ouvir-falar-pensar-ler". De acordo com Gordon (2013), o ensino deve seguir a progressão natural da linguagem: primeiro a criança absorve o som (vocabulário auditivo) e experimenta o movimento corporal (vocabulário de performance) para só depois chegar à leitura e escrita (abstração da notação).

Dito isso, o ensino tradicional foca no resultado sonoro, o que gera tensão. A abordagem concreta foca no processo, priorizando a consciência corporal e o uso consciente de si mesmo antes de cobrar o virtuosismo. A progressão motora saudável parte da consciência do corpo e do peso dos braços (movimentos amplos/concreta) para a coordenação fina dos dedos (movimentos pequenos/abstração da precisão).

A criança pequena aprende manipulando (recursos pedagógicos), brincando (ludicidade), imaginando (analogias) e experimentando (movimento corporal). Somente após essas vivências cinestésicas terem se tornado parte de sua memória sensorial é que ela consegue abstrair comandos técnicos complexos sem gerar rigidez ou bloqueios criativos. Portanto, o concreto não é apenas um acessório, mas a ferramenta mediadora desejável para transformar a ciência da técnica na arte da performance.

A técnica pianística como experiência corporal

A técnica pianística, deve ser compreendida como uma experiência cinestésica e física profunda, onde o músico é o "instrumento que toca o instrumento". Essa abordagem redefine a técnica pianística, afastando-a de visões puramente mecânicas e aproximando-a da consciência corporal total.

A técnica saudável rejeita a rigidez e o uso de força bruta. De acordo com Gorin (2015), instruções tradicionais e rígidas, como a posição fixa de cinco dedos ou o comando de "curvar os dedos", podem causar co-contração, compressão do pulso e tensões desnecessárias. Em vez de rigidez, busca-se a flexibilidade e o alinhamento corporal.

Busca-se uma coordenação sofisticada entre o corpo, o braço, o pulso e os dedos, que devem operar como uma unidade sincronizada, em oposição ao isolamento digital. A coordenação eficiente permite a economia de esforço e a precisão durante a execução. Ou seja, a técnica exige consciência corporal e percepção cinestésica. Baseia-se no uso consciente de si mesmo (conforme a Técnica de Alexander) para evitar hábitos disfuncionais (Alexander *apud* Santiago, 2004). Trata-se da organização de movimentos naturais e fluidos.

Em resumo, a técnica pianística eficiente nasce de uma coordenação psicofísica saudável, onde o movimento corporal é uma extensão natural da intenção musical e do pensamento musical.

Materiais concretos como mediadores da técnica pianística

No ensino do piano para crianças pequenas (4 – 5 anos) os recursos lúdicos atuam como mediadores indispensáveis que transformam conceitos técnicos abstratos em sensações cinestésicas reais e compreensíveis. Como a técnica pianística é uma experiência essencialmente física, o uso desses objetos permite que o aluno "toque a evidência" para que a mente "descubra o segredo", facilitando a internalização de movimentos complexos que a linguagem verbal sozinha não conseguiria transmitir.

A utilização desses materiais fundamenta-se nas discussões fomentadas acima, de que as crianças no estágio pré-operatório ainda dependem da interação física com objetos para criar imagens mentais e dar sentido ao mundo. E neste sentido, o recurso concreto traduz termos adultos (como "relaxamento" ou "peso") para o lúdico, despertando a curiosidade e promovendo um estado de fluxo (engajamento profundo e prazer na tarefa). O material atua como um elo que comunica a sensação física real necessária para a execução, como a resistência da tecla ou a flexibilidade do pulso.

Exemplos de recursos utilizados por pedagogos como Irina Gorin (2015) para mediar o aprendizado: o uso de um macaco de pelúcia no antebraço para auxiliar no sentido do

movimento lateral ("*Monkey Swing*"); segurar um lápis ou caneta estabelece o arco natural da mão sem a necessidade de comandos rígidos como "curve os dedos"; utilização de massinha (*noise putty*) ou geleia sobre as teclas para ajudar o aluno a sentir uma penetração mais lenta e profunda, evitando que ele "bata" nas teclas e garantindo um som de melhor qualidade.

Ressalta-se que o recurso pedagógico não é um fim em si mesmo, mas um facilitador para que ocorra a transferência da aprendizagem da brincadeira para o contexto da execução pianística. É responsabilidade do professor mediar essa transição, garantindo que o aluno sinta o movimento no próprio corpo (geralmente começando longe do piano) antes de aplicá-lo ao teclado.

Este princípio constitui o fundamento central para o uso de recursos lúdicos no ensino de piano para crianças pequenas: o material não ensina sozinho. Ele atua como um elo mediador desejável, cuja função não é substituir a instrução, mas sim criar experiências cinestésicas e físicas que permitam à criança compreender corporalmente o movimento técnico.

A simples presença de um objeto (como um lenço ou uma massinha) não garante o aprendizado. O que transforma um objeto comum em um recurso pedagógico é a ação planejada e consciente do educador. É o professor quem mobiliza o material com um objetivo educacional específico, observando as necessidades do aluno e intervindo no momento oportuno para propor desafio. A eficácia do ensino reside na clareza do professor sobre quais atributos de cada material auxiliam em qual pilar da técnica pianística.

Em suma, os materiais concretos permitem que a técnica seja construída de forma saudável, lúdica e funcional, assegurando que o aprendizado técnico corrobore diretamente com a musicalidade desde os primeiros contatos com o instrumento. O recurso pedagógico é um facilitador da experiência real. Ele serve para que o aluno organize seus movimentos de forma tátil e direta, permitindo que a técnica seja construída como uma extensão natural e saudável da sua intenção musical.

Técnica basilar: Postura

A postura corporal é considerada a base essencial de toda a execução pianística, sendo o pilar que sustenta o desenvolvimento de hábitos saudáveis e expressivos desde a primeira aula.

A postura correta garante o alinhamento corporal e a flexibilidade necessária para os movimentos, o que é crucial para evitar a rigidez e as tensões excessivas. Uma estrutura equilibrada permite que o peso do corpo flua naturalmente pelos braços até as pontas dos dedos. Quando o aluno está bem posicionado: o som produzido é mais claro, redondo e encorpado; há uma economia de esforço, pois a função do braço atua de forma coordenada com a gravidade; e a carga sobre os dedos é aliviada, prevenindo dores.

A postura não deve ser sinônimo de imobilidade, mas sim de um eixo flexível. Uma posição equilibrada e relaxada frente ao instrumento permite a liberdade de movimento necessária para que a técnica pianística atue como uma ciência a serviço da arte e da interpretação.

Para tornar esse conceito compreensível para crianças pequenas utiliza-se recursos lúdicos e analogias como:

1. Bambu: Utilizado para representar uma planta com raiz firme (apoio), mas tronco flexível (braços e caule), ensinando que a firmeza não deve ser rigidez.
2. Cavaleiro: Irina Gorin compara o sentar ao piano com a posição de um cavaleiro em um cavalo: equilibrado, alerta e flexível (Gorin, 2015).
3. Postura de Caratê: O método *Piano Adventures* utiliza essa imagem para garantir o alinhamento corporal correto (Faber; Faber, 1995).
4. Pontos de Apoio: O aprendizado foca na percepção física dos ossos da bacia no banco, pés firmemente apoiados (no chão ou em banquinhos ajustáveis) e pontas dos dedos nas teclas (Gorin, 2015).

Em suma, a postura é a primeira base da técnica, pois sem um corpo organizado e livre de tensões, a musicalidade e a autonomia do aluno ficam limitadas.

Técnica basilar: Peso dos braços

O peso dos braços é considerado uma das cinco técnicas basilares essenciais no ensino do piano para crianças, sendo fundamental para o desenvolvimento de uma execução saudável, eficiente e expressiva. Sua importância reside na transição de um toque baseado apenas na força isolada dos dedos para um mecanismo que utiliza a gravidade e a coordenação corporal.

O uso do peso natural do braço alivia consideravelmente a carga sobre os dedos. Isso é um princípio essencial para prevenir tensões excessivas, dores e lesões musculoesqueléticas a longo prazo, garantindo que o dedo seja sentido apenas como um ponto de apoio para o peso que vem do braço.

Ademais, permite que o peso do corpo flua naturalmente até as pontas dos dedos, resultando em um som mais claro, redondo e encorpado. Ao utilizar a função do braço de forma coordenada com a gravidade, o aluno produz um som de melhor qualidade com o menor esforço possível.

Deve-se considerar que o ensino deve priorizar o "grande" (consciência corporal e peso dos braços) antes do "pequeno" (refinamento de mãos e dedos). Começar pelos movimentos amplos previne a rigidez e permite que a criança desenvolva equilíbrio e fluxo antes de lidar com a complexidade da coordenação fina.

Para tornar esse conceito compreensível para crianças pequenas utiliza-se recursos lúdicos e analogias como:

1. Chuva: Representa o ciclo natural de queda guiada pela gravidade; o braço "cai" na tecla como a chuva cai na plantação.
2. Cordas Molhadas Pesadas (*Heavy Wet Ropes*): Ajuda a criança a imaginar e sentir a densidade e o peso relaxado dos braços (Faber; Faber, 1995).
3. Braços Flutuantes: A analogia de estar em uma piscina com boias ensina que os braços não devem pesar nos ombros, mas sim flutuar com leveza e flexibilidade (Gorin, 2015).
4. Trampolim: O toque deve ser como pular em um trampolim, onde a tecla "joga" a mão para longe após o impacto, liberando imediatamente qualquer tensão (Gorin, 2015).

Em suma, o domínio do peso dos braços é a segunda base que transforma o piano de um instrumento percussivo em um instrumento capaz de produzir um som cantante e ligado, servindo como fundamento para a expressividade musical e a autonomia do aluno.

Técnica basilar: Mãos arredondadas

A técnica de mãos arredondadas é essencial para garantir uma execução eficiente e saudável. O objetivo principal é que o aluno mantenha a mão em uma postura relaxada e arqueada, o que proporciona maior eficiência muscular e uma vantagem mecânica natural durante o toque.

A mão deve assumir a forma que possui naturalmente ao segurar um objeto, como um lápis ou uma bola, com o polegar oposto aos outros dedos, evitando o colapso das articulações e sem gerar rigidez.

Para tornar esse conceito compreensível para crianças pequenas utiliza-se recursos lúdicos e analogias como:

1. Tulipa ou Flores desabrochando: A imagem de uma tulipa desabrochando ajuda a criança a entender que a mão deve ser solta e gentil, com os dedos organizados como pétalas e a palma mantendo um espaço interno (Faber; Faber, 1995).
2. Cúpula ou Toca: Criar uma "toca" com os dedos reforça o formato arredondado de forma visual e palpável (Gorin, 2015).
3. Pompom: Colocar um pompom dentro da mão (preso por um elástico) ajuda a preservar o formato arredondado enquanto o aluno realiza movimentos pelo teclado, garantindo que o motor do movimento seja o antebraço e não apenas os dedos isolados.

Em suma, as mãos arredondadas não são apenas um padrão estético, mas a base funcional que permite que o peso do braço flua até as pontas dos dedos, resultando em uma qualidade sonora superior e na prevenção de vícios técnicos futuros.

Técnica basilar: Punho

O punho (ou pulso) é considerado um dos pilares basilares da técnica pianística, atuando como o grande coordenador e amortecedor dos movimentos. Sua função vai muito

além de uma simples articulação; ele é o elo essencial que conecta o braço, a mão e os dedos, permitindo que a energia flua com liberdade e eficiência.

O movimento do punho ajuda a transformar o piano, que é essencialmente um instrumento de percussão, em um instrumento capaz de produzir um som "cantante" e ligado. Ao evitar uma sonoridade excessivamente percussiva, o punho flexível garante que o toque seja profundo e controlado, resultando em uma melhor qualidade sonora.

O punho é a base técnica necessária para trabalhar as articulações de *legato* e *non-legato*. Como também, o movimento de "respirar" (subir ao preparar o som e descer ao tocar) que permite com que o aluno organize o gesto preparatório e a soltura imediata após a execução da nota.

Para tornar esse conceito compreensível para crianças pequenas utiliza-se recursos lúdicos e analogias como:

1. A Borboleta: É a imagem central para o punho. A ideia é que o punho seja leve e vivo como uma borboleta que "voa" (sobe na preparação) e "pousa" (desce ao tocar).
2. "*Monkey Swing*" (Balanço do Macaco): Utilizado para ensinar os movimentos horizontais e laterais do pulso (Gorin, 2015).
3. Elástico de cabelo: Colocado no pulso como referência tátil para ajudar o aluno a sentir o movimento de "levantar e cair" (Gorin, 2015).
4. Espelho: Permite que a criança observe seus próprios movimentos e perceba visualmente se o punho está solto ou rígido.

Em suma, um punho que "respira" e se movimenta com naturalidade é a chave para a expressividade musical e para uma execução técnica saudável, garantindo que o movimento corporal seja uma extensão direta da intenção artística.

Técnica basilar: Ponta dos dedos

A importância da ponta dos dedos no ensino inicial do piano reside na construção de um mecanismo de execução sólido que garanta eficiência mecânica e saúde articular. Este conceito é trabalhado para assegurar que a solidez do toque seja alcançada pela ação coordenada do braço, e não pela força isolada dos dedos.

A ponta do dedo deve ser sentida apenas como o ponto final de apoio para o peso que flui naturalmente do braço até a tecla. Isso permite que a energia corporal seja transmitida eficientemente, resultando em um som mais claro, redondo e encorpado. Pontas dos dedos firmes evitam o vício de pressionar excessivamente o fundo da tecla (*keybedding*), um hábito disfuncional que gera rigidez e limita severamente a agilidade e o controle técnico futuro. Isso promove uma penetração mais profunda, lenta e densa, garantindo uma produção sonora de alta qualidade.

Para tornar esse conceito compreensível para crianças pequenas utiliza-se recursos lúdicos e analogias como:

1. Estourar Bolhas de Sabão: Esta é a imagem central para o ensino dos dedos firmes. Ela convida a criança a um gesto de energia pontual e soltura imediata, ensinando que o dedo deve agir e relaxar logo em seguida, sem "esmagar" a tecla.
2. Fazendo O's (*Making O's*): Exercício praticado para que o aluno sinta a forma arredondada e a estabilidade necessária na ponta do dedo ao unir o polegar a cada um dos outros dedos (Faber; Faber, 1995).
3. Massinha ou Argila: Afundar os dedos em massinha estimula a ativação natural das pontas e a percepção de diferentes níveis de pressão e sustentação (Gorin, 2015).
4. "Coçar a ponta do nariz": Uma analogia sugerida por Irina Gorin para ajudar a criança a encontrar a curvatura e a sensibilidade corretas da ponta do dedo(Gorin, 2015).

Recomenda-se iniciar o trabalho técnico pelo dedo 3, por ser o mais forte e estar no centro da mão, progredindo depois para os dedos 2 e 4, e por último para os dedos 1 e 5.

Considerações finais

A ideia central é que o ensino da técnica pianística para crianças pequenas só atinge seu pleno significado quando deixa de ser uma instrução verbal abstrata para se tornar uma vivência sensorial e lúdica. Como a criança nessa faixa etária encontra-se no estágio pré-operatório, ela depende da interação física com o mundo para construir representações mentais; portanto, termos como "relaxamento" ou "peso" precisam ser traduzidos para a sua "língua": o lúdico.

A técnica pianística é entendida como experiência cinestésica, que não provém da força, rigidez ou repetição mecânica, mas sim da coordenação e organização do movimento em função da qualidade sonora. O ensino deve priorizar o uso consciente de si mesmo antes de focar no resultado.

Já os recursos pedagógicos (como lenços, massinhas e bolhas de sabão) atuam como elos que transformam conceitos invisíveis em sensações físicas reais. É através do manuseio desses objetos que a criança "toca a evidência" para que sua mente "descubra o segredo" do movimento técnico. Contudo, ressalta-se que o material não ensina sozinho; sua eficácia depende da intencionalidade do professor em guiar a transferência da brincadeira para a execução no teclado.

E por fim, o aprendizado segue uma sequência natural onde a consciência corporal e o pensamento musical precedem a leitura da notação. Aquilo que o professor deseja que o aluno compreenda abstratamente precisa, primeiro, ser vivido concretamente pelo corpo. Ao vivenciar as técnicas basilares (postura, peso dos braços, mãos arredondadas, punho e dedos firmes) de forma lúdica, o aluno internaliza hábitos saudáveis que previnem lesões e vícios técnicos.

Em suma, ao unir a ciência da técnica à arte do brincar com sons, o ensino torna-se um processo de engajamento profundo (estado de fluxo). Dessa forma, a técnica pianística deixa de ser um fim em si mesma e passa a ser uma ferramenta libertadora que permite à criança expressar suas ideias musicais com autonomia, autenticidade e fluidez.

Referências

CABEZAS, Daniela Andrea Torres. *Uma técnica pianística e seu método de ensino*. 2006. 171 f. Dissertação (Mestrado em Música: Práticas Interpretativas) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CAVICCHIA, Durlei de Carvalho. *O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida*. São Paulo: UNESP, 2010.

FABER, Nancy; FABER, Randall. *Piano Adventures: Primer Level: Technique & Artistry Book*. 2. ed. Milwaukee: Faber Piano Adventures, 1995. 32 p. ISBN 9781616770969

GORIN, Irina. *How to Teach Healthy Piano Technique from the Very First Lesson*. [S. l.]: YouTube, 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dgnPyBaMsrI. Acesso em: 2 jul. 2026.

GORIN, Irina. How to Teach Healthy Piano Technique from the Very First Lesson. [S. l.]: YouTube, 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dgnPyBaMsrI. Acesso em: 2 jul. 2026.

GORDON, Edwin E. *Music learning theory for newborn and young children*. 2013 ed. Chicago: GIA Publications, 2013. 166 p. ISBN 9781579999667.

HAAS, Clarissa; ROCHA, Alexandre Fritzen da. *Pedagogia do piano aliada à criatividade musical: o conhecimento produzido em análise*. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL (ABEM), 25., 2021. Anais... [S. l.]: ABEM, 2021

RICHERME, Claudio. *Técnica pianística: uma abordagem científica*. Porto Alegre: Musimed, 1996. 294 p. ISBN 8570920636.

ROTHER, Edna Terezinha. *Revisão sistemática X revisão narrativa*. Acta Paulista de Enfermagem, [S.l.], v. 20, n. 2, 2007.

SANTIAGO, Patricia Furst. *An exploration of the potential contributions of the Alexander Technique to piano pedagogy*. 2004. Tese (Doctor of Musical Arts) – University of Illinois at Urbana-Champaign, Urbana, 2004.

SILVA, Circe Mary da. Maria Montessori, Psico Geometria e Neurociência. *Educação Matemática em Revista* – RS, Porto Alegre, v. 2, n. 22, p. 1–15, 2021.

TONI, Anderson. *Motivação e engajamento em contextos de prática, ensino e aprendizagem de música*. Orfeu, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 2–26, maio 2024. DOI: https://doi.org/10.5965/2525530409012024e0203.

VILLALBA, Juliana Muniz. *A teoria de aprendizagem musical de E. E. Gordon sob a luz da psicologia histórico-cultural de L. S. Vigotski: uma contribuição para a educação musical na primeira infância*. 2024. 228 f. Dissertação (Mestrado em Música: Teoria, Criação e Prática) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024.